

## APPENDIX 8

Interview with Malam Bacai Sanhá, President of Guinea-Bissau (1999-2000, 2009-2012)

Interviewer: Nathaniel Cogley (Ph.D. Candidate, Department of Political Science, Yale University) [translator used] [Portuguese transcription by Claudia Vivacqua]

January 19<sup>th</sup>, 2010

Bissau, Guinea-Bissau

NC: O que o motivou a servir como Presidente da República da Guiné-Bissau?

MBS: O que me motivou? Amor à pátria. Amor a pátria e um sentimento de (?) sendo cidadão deste país. Tenho uma dívida para com meu país e, enquanto eu puder, devo pagar. E mesmo (?), penso que o melhor seria ser Presidente da República.

NC: O que o Senhor sente ao ocupar o cargo mais alto deste país?

MBS: Pessoalmente, é uma honra, um orgulho, para um cidadão chegar à mais alta magistratura do país, em primeiro lugar. Em segundo lugar, é uma responsabilidade, porque tenho que, enquanto Presidente, enquanto primeiro magistrado da nação, garantir o equilíbrio, garantir a estabilidade política, governativa. Isto quer dizer, tenho que ser o grande de tudo o quanto seja bom para este país. Portanto, é uma grande responsabilidade, é uma honra, é um orgulho como cidadão, que foi eleito com o objetivo de atingir essas responsabilidades. Uma vez eleito, isso se transformou em uma grande responsabilidade. Essa responsabilidade ultrapassa a mim, ela se transforma a responsabilidade de todos os guineenses. Temos que estabilizar este país e temos que promover o desenvolvimento.

NC: Qual é a importância da admiração que o povo da Guiné-Bissau sente pelo Senhor?

MBS: Esse é o aspecto mais complicado das coisas, não é? Eu penso que a minha carreira política, que eu tive neste país, comecei lá como administrador de setor, até quando estávamos em festejos, quando apresentavam o orçamento diziam: “É difícil apresentar ao Malan Bacai o orçamento porque ele sabe o preço do badjic (okra based dish), djagatu (vegetable based dish), de tudo!” Portanto, eu comecei dali, da Presidência de Setor, até chegar aonde estou hoje. Felizmente, não tive grandes percalços, grandes problemas com o povo da Guiné, felizmente; e me elegeram como um defensor da paz e da estabilidade deste país. Essa, eu penso, é a parte. A outra parte quem poderá evidentemente responder será a própria população.

NC: Qual tipo de líder que o povo da Guiné-Bissau admira e respeita em relação aos outros líderes, como Cabral, Presidente Vieira e Presidente Yala?

MBS: O Cabral, eu não gostaria que vocês inserissem o Cabral entre o Nino e o Kumba, são figuras completamente diferentes (Nathaniel rectifies by saying Luis Cabral). Luis Cabral que você queria dizer? Sim, mas mesmo Luis Cabral é uma outra figura diferente do Nino e de Kumba. Luis Cabral foi uma grande figura de sonhador, que queria fazer deste país um paraíso da África. Infelizmente, o sonho foi interrompido por causa do

golpe de Estado de 1980 . Nino foi um golpista, foi um grande combatente, isso aí todos reconhecemos, fez tudo quanto podia fazer para a independência da Guiné-Bissau. Mas, depois, ao chegar ao poder, passou por golpe. E golpe de Estado significa interrupção da via normal, da caminhada normal das instituições. Portanto, ele ficou no poder como tal, e dirigiu o país como tal, e é por esses erros que estamos a pagar até hoje, e ele mesmo pagou agora com sua própria vida. O Kumba foi democraticamente eleito, foi o primeiro presidente da Guiné eleito democraticamente. Eu penso que foi uma pessoa, dentre os cidadãos guineenses, que teve mais sorte, sorte grande (como dizem em crioulo) foi o Kumba, só que não soube aproveitar. Como se diz em crioulo “quem não sabe o valor do ouro, quando pesa acha que é qualquer metal parecido” (free interpretation by the transcriptionist), assim como ele, que não soube aproveitar a oportunidade que lhe foi dado. Portanto, entre os três, para mim é simples. O Luis foi um estadista, foi um homem que amava a pátria, um homem que queria, também marcante em poder. O Nino era um golpista. Pode ter feito o que fez depois, de bom e de mau, mas a principio foi um golpista e morreu como tal. O Kumba foi eleito democraticamente, um democrata, mas depois não soube. Tentou tornar-se o pior dictator da Guiné, por meio dos discursos que fazia e tudo mais.

NC: In the last ten years, these are the Presidents that the people in Guinea-Bissau have elected: Kumba Yala, Nino Vieira and President Sanhá. Is there anything in common between these three people, why the people have elected them? Any characteristics that they share that people admire?

MBS: Sim, temos muitos aspectos em comum, primeiro que somos todos guineenses, e como tal temos muito em comum. O objetivo que poderíamos ter, ou que deveríamos ter, aliás, era de trabalhar no sentido de desenvolver o país, cumprir a obra de Amílcar Cabral, cumprir os objetivos de luta, isso é que temos em comum. Agora, como homem, evidentemente que há uma grande diferença. Eu não sou Kumba, e tampouco sou o Nino. Eu e Nino estivemos juntos na luta, nos conhecíamos há vários anos, mas não sou Nino. A nossa percepção de desenvolvimento é completamente diferente. Para mim, o desenvolvimento deste país só será possível quando for um desenvolvimento participativo, quando toda a sociedade, toda gente sentir que é efectivamente parte do processo, não apenas serem guineenses, mas parte do processo deste país. Quando eu conseguir isso, ficarei satisfeito. Portanto, o comum é que somos todos guineenses, certamente cada um ambicionava levar este país da sua maneira, mas diferente porque, efetivamente, a nossa maneira como homens de Estado não são iguais.

NC: Como se sente ser a figura mais importante da Guiné Bissau?

MBS: Sinto muito orgulho e responsabilidade, sinto-me muito bem com isso. Sinto-me muito bem com isso, sinto-me muito bem.

NC: O senhor Presidente já pensou em como é que gostaria que as gerações futuras o vissem, olhassem para si no futuro? Não só as gerações guineenses, mas também a comunidade internacional. Como é que gostaria de amanhã, quando terminar o seu mandato, de ser lembrado?

MBS: Primeiro, teria que ser fiel às promessas da campanha, àquilo que eu disse durante a campanha, que faria se fosse Presidente. Fazer o que estava escrito no meu manifesto eleitoral, o que faria se fosse eleito Presidente da República. Segundo, teria que ter um comportamento que estou tentando fazer agora, que sirva de exemplo para os que vierem depois de mim. Terceiro, tenho que ter realizações, que indiquem o mandato do Malan Bacai Sanhá. Porque o estadista que não tem esse tipo de ambição, de deixar algo para quando sair do poder a gente dizer “isso aqui foi feito na época do ‘Fulano de Tal’, o que está agora não é estadista”. Portanto, a minha ambição é essa, tenho que deixar o nome, de ser o estabilizador deste país, capaz de iniciar o país para o desenvolvimento.

NC: Qual é o seu ponto de vista no que se refere ao relacionamento entre democracia e aumento de limites constitucionalmente impostos? Verificamos que atualmente, quando se chega ao fim do mandato, há Presidentes que procuram aumentar o seu mandato.

MBS: Eu condeno isso, eu não concordo com isso. Porque ninguém pode pensar que, porque sou Presidente, que sou o único capaz de estar neste lugar, não é verdade. Por isso é que há período, ninguém é eleito por um período eterno, é eleito por um determinado tempo. Se derem prova, continuam. Se não derem prova, muito obrigado, agora vá descansar. Vem um outro, que também é capaz de fazer como o outro. Portanto, eu sou contra. Eles fazem tentativa de mudar a constituição, pensando que, efetivamente, a melhor maneira seria continuar, porque foi ele quem começou a obra. Ninguém termina obra, ninguém. Na governação ninguém termina obra, “eu comecei a obra e agora tenho que terminar isso para poder sair”. Não, você fez o que tinha para fazer, chegou a hora para deixar para outro.

NC: Portanto, considera que o limite de mandatos é salutar?

MBS: É salutar. É salutar, tem que ser assim mesmo. O contrário a isto traz o quê? Conflitos. Conflitos, tudo. Isto mesmo quando se trata de um dirigente que o povo considera que é muito bom?

MS Sim, sim, mesmo assim. O povo quando foi para a urna, votou para um determinado candidato. A nossa constituição diz, e praticamente todas as constituições africanas, que o mandato é de quatro ou cinco anos, renovável uma vez. Portanto, o povo sabe disso. Não somos nós que, depois, manobrando, vamos enganar o povo e tentar fazer alguma coisa contrária, convocando referendo, não sei o que, não sei o que, revisão constitucional. Isso para mim é mal, porque nós como africanos não somos animais, somos homens. Temos que ter ideia, temos ideias claras sobre o que queremos para a África. Temos que dar sinais de confiança, de homens conscientes, que querem dar uma contribuição não só para o nosso país em termos particulares, mas para a África e para o mundo. Eu gostaria um dia de ser um dos melhores Presidentes do mundo.

NC: Se ao fim de dez anos continuar a ser popular e o povo quiser que fique, vai pensar nisso?

MBS: Fim de dez anos, fim do meu mandato, ponto final. Pois, o que me interessa hoje é concluir os meus primeiros cinco anos, isso é que é mais importante. Se eu olhar para atrás e vir que efetivamente comecei a fazer alguma coisa, terei coragem de tentar reconquistar o segundo mandato. Fim do segundo mandato, aquilo que não consegui fazer em dez anos, mesmo se eu ficar ali cem anos, eu não vou conseguir fazer. E, depois, ficar tanto tempo assim no poder torna-se monótono, perde-se a iniciativa.

NC: Senhor Presidente, os dois eleitos anteriormente terminaram prematuramente. O que está a ser feito no sentido de garantir o cumprimento de seu mandato integral?

MBS: Primeiro criar um clima de estabilidade. É o que estamos a tentar construir neste momento, um clima de estabilidade. Estabilidade política, estabilidade governativa, estabilidade social, para podermos efetivamente levar nosso mandato até o fim. E este é que é meu trabalho, e este é que é o maior trabalho do Presidente da República neste momento, dar garantias aos cidadãos de que somos capazes, estamos em condições de dirigir este país, dar garantia à população, promover o desenvolvimento, construir escolas, hospitais, estradas, infraestruturas sociais que beneficiem o povo, a população que é menos favorecida na nossa sociedade. Portanto, é assim mesmo, o contrário não é possível.

NC: A Guiné-Bissau nunca teve um chefe de Estado não interino que tenha completado o seu mandato, que tenha abandonado o poder de forma pacífica e voluntária. Caso consiga terminar o seu primeiro mandato e, eventualmente, o seu segundo, qual o impacto que esse fato terá para o ambiente político do país e como é que a população poderá olhar para si?

MBS: O impacto mais importante que isso terá é o exemplo de que finalmente é possível estabilizar este país, de que finalmente é possível concluir o mandato em paz e estabilidade. Portanto, esse é que é o maior impacto que nos dará, e é esse que é o nosso objetivo. Mesmo sendo ele um único mandato, mas que seja um mandato de estabilidade, um mandato de desenvolvimento, em que as pessoas comecem a ver “alguma coisa está a mudar na minha vida”. O Estado não pode dar tudo para toda gente, não tem dinheiro para toda gente, mas criando a condição de estabilidade, de segurança, de tranquilidade, tudo vem, cada um vai a procura e consegue alguma coisa para casa, para a família. Last comment incomprehensible

NC: O Presidente foi Presidente interino e agora é Presidente eleito. Quais os aspectos, quais as diferenças entre ter sido interino e agora eleito?

MBS: São duas coisas completamente diferentes, Presidente interino, como se diz é interino. São entregues a ele as funções para serem exercidas, para cobrir uma lacuna durante um determinado tempo que seja relativamente pouco. Portanto, ele tem responsabilidade limitada, constitucionalmente limitada, e politicamente responsabilidade limitada. O Presidente eleito, já tem os plenos poderes do Presidente da República e tem que trabalhar neste sentido, no sentido de mostrar que, efetivamente, tenho plenos

poderes, tenho que trabalhar para que este povo sinta que, efetivamente, Malan Bacai é o Presidente da República deste país e que valeu a pena ele ser o Presidente da República.

NC: O ocidente tem uma visão pessimista de que os líderes africanos estão motivados pelo desejo de se manter no poder o máximo de tempo possível. Será que essa [incompreensible] do mandato é bom para todos os líderes africanos? Esse aspecto pode caracterizar a forma de se ver todos os líderes africanos?

MBS: De uma só vez não pode, mas teremos que, pouco a pouco, influenciar a todos com esse espírito, que é o espírito de que não sou o único filho deste país, que não posso ser e continuar a ser o Presidente da República. Vou lá hoje, estou lá, amanhã saio, entra outro. Vamos aprendendo, vamos vendo exemplos, isso é que é o mais importante. Não podemos continuar a pensar que nós é que estamos lá. Não, mesmo aqueles que foram, que tiveram sorte de ser fundadores dos Estados, os primeiros Presidentes da África independente, muitos deles depois tiveram a consciência mesmo de sair do poder, sem que na altura houvesse limitações de mandato. Tivemos o caso de Senghor aqui do nosso lado, tivemos caso de Julius Nyerere na Tanzania, e tivemos outros casos. Pessoas que chegaram em um momento e disseram: “não, alto, não há limite de mandato, mas não sou o único cidadão capaz de exercer essas funções. Eu paro aqui e deixo o caminho para os outros.” Isso é que é importante. Alguns não querem sair porque, efetivamente, conduzem o país mal e exercem as funções de chefe de Estado de forma brutal, atrocidade e tudo mais. Temem: “se eu deixar o poder o que poderá acontecer comigo, ou com a minha família?” E é essa garra, essa garra não é só sede de ser Presidente, às vezes é para a defesa dele mesmo. Mas dinheiro... para a Guiné-Bissau... [incompreensible] efetivamente há corrupção também. Há casos agora no Níger, porque se descobriu não sei o que, o que. Tem que se prolongar mais três anos até, não completam o mandato, mas três anos só para poder atingir alguns objetivos. Isso não é verdade, porque, senão, quando saímos para a conquista do poder, pensamos primeiro em nós: “quando lá chegamos, como é que vamos fazer? O que teremos depois disto?” Não faremos nada e nunca a África sairá da corrupção.